

# Programa não elege ninguém

**A** crônica das eleições presidenciais brasileiras — poucas, na listagem das sucessões decididas pelo voto direto, com deformações e fraudes lentamente corrigidas — não registra uma só que tenha sido decidida pelo programa apresentado pelo vitorioso.



A exigência de programas — impressos com os requintes gráficos de cores e estatísticas, em calhamaços sólidos, tresandando cultura, erudição, profundo conhecimento dos problemas nacionais, esmiuçados em abordagem ampla e propondo soluções miraculosas, condensadas em fórmulas salvadoras — é uma velha conversa de todo começo de campanha e que se repete com a monotonia dos mesmos argumentos de impecável coerência.

Significativamente, o programa é sempre cobrado do candidato que se pretende combater. A acusação salta, em frases redondas e que impressionam: como pode aspirar o exercício da presidência da República um pretendente com as mãos vazias, sem o famoso programa para a avaliação do eleitor e que represente o compromisso com o voto.

A veneranda balela precisa ser desmistificada e com urgência, antes que seja levada a sério e utilizada como pretexto para a crítica corrosiva dos desafetos da democracia com o processo eleitoral.

Desde logo, registre-se a constatação: nunca se viu político, candidato, eleitor, sociólogo, sindicalista, padre progressista, universitário de esquerda, militante direitista, lendo ou carregando debaixo do braço programa partidário. De qualquer legenda. Não há foto, mesmo posada, de presidenciável debruçado sobre o volume catita das suas elucubrações patrióticas e as geniais soluções inovadoras.

Veja por outra, a volumosa correspondência diária que chega às redações enfeita-se com fartos pacotes de programas de candidatos. Alguns autografados e até com dedicatórias a redatores conhecidos. Como regra,

vão direto para a cesta de lixo. Ou jazem esquecidos em cima das mesas, até que o pessoal da limpeza se incumba de recolher o papelório inútil. Em casos excepcionais, um exemplar recebe sepultura condigna no arquivo, para a eventualidade de consulta que jamais se efetiva.

Nos venerandos tempos das eleições a bico-de-pena, com assinaturas de mortos e ausentes garatujuadas nas atas falsas, o programa assinalava um dos mais solenes momentos da campanha. O candidato, em banquete ou reunião de pompa, lia sua plataforma, lengalenga soporífica, que repetia modelo clássico e, no dia seguinte, derramava-se por páginas inteiras dos jornais, no festival de matéria paga.

---

*Os candidatos que  
mais reclamam do  
silêncio desdenhoso  
que abafa  
suas propostas  
são os de mais  
baixo índice nas  
pesquisas.*

---

A eleição decidia-se pelas artes e tretas da máquina do governo. Nunca ninguém votou ou deixou de votar por concordar ou rejeitar as promessas das plataformas, redigidas em estilo empolado e que servia a todos os gostos. Ou a nenhum, pois não havia, como não há, leitores para a quimérica literatice da conversa fiada de candidato.

O voto secreto, que foi limpar o processo eleitoral da salafrança das fraudes despudoradas, cometidas às escâncaras, à vista de todos, contribuiu para esvaziar a solenidade oca das plataformas.

Pegou a moda dos programas, assim como berloque do cerimonial da campanha. Partidos, para as serventias do registro, apresentam seus programas. Uma comissão de especialistas se incumba de redigi-los e, em geral, as convenções aprovam o texto em bloco e por unanimidade, no consenso do desinteresse.

Nesta campanha que rola em acidentado roteiro de surpresas, exige-se que os 13 candidatos lançados ofereçam e sustentem seus programas, como reclamação irritada e insistente. Sem que se dê conta de que muitos candidatos não só lançaram programas que se desdobram em centenas de páginas, como lamentam-se que não se dê bola para as suas criativas fórmulas para alçar o país do fundo do abismo.

Talvez seja mero acaso: os candidatos que mais reclamam do silêncio desdenhoso que abafa suas propostas são os de mais baixo índice nas pesquisas.

Eleição como a que vem por aí, com o primeiro turno daqui a quatro meses, não gira em torno de programas. Claro que se exige que os candidatos demonstrem um conhecimento razoável da realidade nacional, de seus problemas e angústias, e seja capaz de sustentar propostas articuladas, que tenham sentido e fácil entendimento do fantástico eleitorado que deverá andar aí entre 80 a 82 milhões a 15 de novembro. E que, no gráfico que reflete seu grau de instrução, desenha a mancha negra de 68% de analfabetos e semi-alfabetizados.

Esse é o eleitorado que vai decidir a escolha do sucessor do presidente José Sarney, fechando a transição. E que firmará sua convicção, definindo seu candidato, na massificação da campanha nos 60 últimos dias de duas horas diárias de propaganda em rede nacional de rádio e televisão. Para quando se prevê, no mais modesto dos cálculos, a audiência fantástica de 150 milhões de ouvintes e telespectadores.

O voto será cooptado — como se constata por antecipação nas tendências apuradas pelas pesquisas — pela avaliação do desempenho do candidato, a confiança que inspire, a capacidade de comunicação, a sensibilidade para abordar, em linguagem popular, os problemas que afligem o povo na sua totalidade e martirizam os mais pobres.

Programa é luxo para uso dos sofisticados. Candidato com programa acaba passando por mentiroso. Quem precisa de programa é governo. Candidato corre atrás do voto.